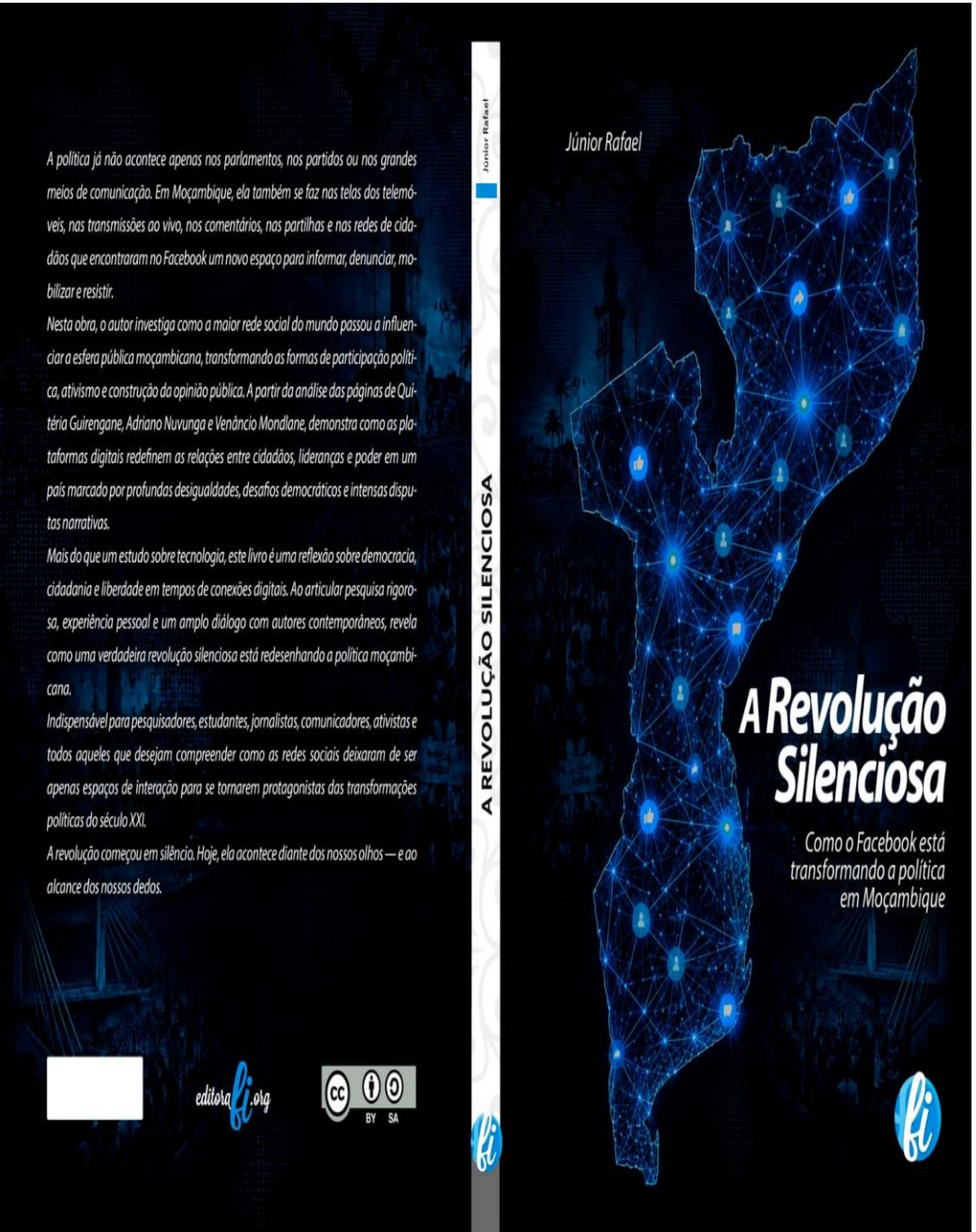
Ativismo Digital, Juventude e Gênero em Moçambique

O caso de **Quitéria Guirengane** no Facebook

JÚNIOR RAFAEL · UFSM, BRASIL · 2026





Introdução

Contexto

As redes sociais redefiniram a participação política, convertendo-se em arenas de disputa discursiva e mobilização coletiva (Castells, 2013; Papacharissi, 2010). Em Moçambique, essas dinâmicas são atravessadas por **assimetrias de gênero** e limitações históricas à cidadania.

Problema

A literatura sobre ativismo digital feminino em países africanos lusófonos é escassa, com foco predominante no Norte Global. A atuação de mulheres como Quitéria Guirengane, Ênia Wa Ka Lipanga, Selma Inocência e Fátima Mimbire permanece pouco explorada empiricamente.

Objetivos e pergunta de pesquisa

Pergunta Central

Como o ativismo digital desenvolvido por Quitéria Guirengane no Facebook contribui para a **mobilização juvenil** e para a ampliação da **participação feminina** no debate público moçambicano?

Objetivo Geral

Analisar de que modo a atuação digital da ativista contribui para a construção de práticas de mobilização política e para o fortalecimento da participação feminina no espaço público digital em Moçambique.

Quadro teórico

Gênero e Poder

Scott (1995), Walby (1990) e Butler (2003): gênero como categoria analítica; patriarcado como estrutura de dominação; performatividade como contestação.

Sociedade em Rede

Castells (2013): redes digitais possibilitam movimentos descentralizados. Papacharissi (2002): internet como espaço público, mas ainda não como esfera pública plena.

Contra-esferas Públicas

Fraser (1992): grupos marginalizados constroem espaços comunicacionais alternativos para produzir contra-discursos e contestar exclusões estruturais.

Colonialismo Digital

Couldry & Mejias (2019) e Zuboff (2021): plataformas operam sob lógica de capitalismo de vigilância, com apropriação sistemática de experiências humanas em contextos periféricos.

Metodologia



01

Abordagem

Qualitativa, exploratória e descritiva, com método de estudo de caso (Yin, 2015).

02

Corpus

5.811 comentários da página oficial de Quitéria Guirengane no Facebook: 349 em 2023 e 5.462 em 2024. Coleta via Apify.

03

Recorte Temporal

Outubro de 2023 a 31 de dezembro de 2024 — período de intensificação do debate político nas redes moçambicanas.

04

Análise

Análise de Conteúdo (Bardin, 2000) com categorias dedutivas e indutivas: pré-análise, exploração do material e interpretação.

Resultados: engajamento e mobilização

5.811

Comentários Analisados

Total do corpus empírico

349

Comentários em 2023

Início do período analisado

5.462

Comentários em 2024

Crescimento de **1.465%** no engajamento

O crescimento expressivo indica que a página passou a funcionar como **espaço digital de mobilização social e debate público**, ampliando o alcance das discussões políticas e sociais mediadas pela plataforma (Castells, 2013).

Categorias discursivas identificadas



As interações revelam que o espaço digital opera simultaneamente como ambiente de crítica política, mobilização social e construção de sentidos coletivos sobre a realidade moçambicana.

À luz de Hardt e Negri (2009), essas manifestações expressam a multidão: uma coletividade heterogênea que se articula em torno de demandas comuns fora das estruturas institucionais tradicionais.

A página configura-se como espaço de convergência de múltiplas vozes, favorecendo a emergência de uma **esfera pública digital feminista** em Moçambique.

Ativismo Digital Feminino: Quatro Vozes



Quitéria Guirengane

Lidera o Observatório das Mulheres. Constrói capital simbólico e político por meio de denúncia, memória e participação cidadã.



Ênia Wa Ka Lipanga

Utiliza a autoimagem e elementos visuais como recurso de afirmação pública e legitimidade discursiva.



Selma Inocência

Transforma seu perfil em espaço de memória e denúncia, destacando jornalistas desaparecidos.



Fátima Mimbire

Mobiliza imagens em preto e branco e velas para memorializar vítimas de violência política.

Estética Política da Resistência Digital Feminina

Principal contribuição teórica do estudo: categoria analítica que compreende o conjunto de estratégias visuais, discursivas, afetivas e identitárias por meio das quais mulheres ativistas produzem visibilidade política e desafiam estruturas de exclusão.



Visibilidade Política

Tornar públicas experiências historicamente invisibilizadas.



Memória

Preservar e ressignificar narrativas pessoais e coletivas.



Denúncia

Enfrentamento discursivo às desigualdades e injustiças sociais.



Resistência

Transformar a comunicação digital em ação política continuada.

Considerações Finais e Referências

Achados Centrais

1. Facebook como espaço estratégico de mobilização e engajamento político crescente.
2. Liderança de Quitéria legitimada pelos seguidores como capital simbólico.
3. Ativismo digital feminino articula visibilidade, memória, denúncia e resistência.
4. Proposta da **estética política da resistência digital feminina** como categoria analítica.

Referências Principais

Bardin (2000); Bennett & Segerberg (2012); Butler (2003); Castells (2013); Couldry & Mejias (2019); Fraser (1992); Papacharissi (2010); Scott (1995); Tufekci (2017); Zuboff (2021).

Limitações: estudo restrito ao Facebook e a uma única ativista. Pesquisas futuras podem incorporar Instagram, TikTok e X, além de análises interseccionais sobre raça, classe e território.